



Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

MONOGRAFIA

**Ocupação dos Tempos Livres dos jovens do
Concelho de Arouca**

Orientadora: Professora Doutora Maria Paula Maia Santos

João Pedro Brito Gomes Ferreira

Porto – 2005



Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

MONOGRAFIA

**Ocupação dos Tempos Livres dos jovens do
Concelho de Arouca**

Orientadora: Professora Doutora Maria Paula Maia Santos

João Pedro Brito Gomes Ferreira

Porto – 2005

Aos meus pais por estarem
sempre presentes!

Agradecimentos

Um forte empenho pessoal e o contributo de ajudas preciosas tornaram possível que vencesse essa etapa. Porque sinto que valeu a pena, é legítimo partilhar a alegria de ter chegado ao fim.

Aos meus pais e irmão pelo forte contributo prestado nesta concretização, pelo incentivo fundamental que me deram ao longo do curso, pelo carinho e pela sábia orientação com que têm acompanhado os meus passos.

À Doutora Paula Santos pela brilhante orientação que me prestou sempre que foi solicitada.

À minha orientadora de estágio, Dr. Teresa Sardoeira, por todas as suas formas de colaboração prestadas.

Aos meus colegas estagiários da Escola E.B. 2/3 Pêro Vaz de Caminha, por todo o apoio prestado durante todo o ano lectivo.

Aos professores de educação física da Escola Secundária de Arouca pelos minutos dispensados para a realização dos inquéritos.

Aos jovens que se disponibilizaram a preencher os inquéritos.

Aos meus amigos mais próximos pelo incentivo e amizade que em vários momentos e formas diversas manifestaram.

À Sandra por todo o apoio e paciência que demonstrou sempre que eu precisava.

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram neste trabalho.

Índice

Agradecimentos	3
Índice.....	4
Índice figuras	6
Índice quadros	7
Índice de Graficos.....	8
Resumo	9
1 – Introdução	10
1.1. – Considerações gerais.	10
1. 2. – Formulação do problema	10
1.3. – Objectivos e Hipóteses	11
2 – Revisão da Literatura.....	13
2.1. – Tempos Livres, Desporto e Autarquias.....	13
2.1.1. – Caracterização dos Tempos Livres	13
2.1.2. – A sociedade e os jovens	19
2.1.3. – Desporto enquanto fenómeno social	20
2.1.4. – As autarquias e o Desporto	22
2.1.5. – O Município, a Escola e a Prática desportiva dos jovens.....	24
2.2. – O Concelho de Arouca.....	26
2.2.1. – Apresentação do Concelho	26
2.2.2. – Política Desportiva do Concelho de Arouca.....	28
3. – Metodologia	32
3.1. – Caracterização da amostra	33
3.2. – Instrumentos de investigação	33
3.3. – Procedimentos dos resultados	34
4. – Apresentação dos resultados	34
4.1. – Características sócio-demográficas	35
4.2. – Identificação do nível de Actividade Física dos jovens	42

4.3. – Identificação das actividades em que os jovens ocupam, normalmente, os seus tempos livres.....	46
5. – Discussão dos resultados.....	51
6. – Conclusões.....	54
7. – Referências bibliográficas.....	55
8. – Anexos	59

Índice figuras

Figura 1 – Mapa de Portugal.....	27
Figura 2 – Concelho de Arouca.....	28

Índice quadros

Quadro 1 – Estrutura do tempo.....	17
Quadro 2 – Freguesias do Concelho	28
Quadro 3 – Base material.....	29
Quadro 4 – Programa destinado ao Desporto e Tempos Livres.....	31
Quadro 5 – Percentagem de rapazes por nível de actividade física de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe.....	40
Quadro 6 – Percentagem de raparigas por nível de actividade física de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe.....	41
Quadro 7 – Correlações de Spearman entre a actividade física e as variáveis da profissão e escolaridade do pai e da mãe.....	41
Quadro 8 – Nível de actividade física por sexo.....	46
Quadro 9 – Principal actividade para ocupar os tempos livres de acordo com o sexo.....	47
Quadro 10 – Participação em desportos orientados e não orientados por treinador de acordo com o sexo.....	48

Índice de Graficos

Gráfico 1 – Idade.....	35
Gráfico 2 – Género.....	35
Gráfico 3 – Tempo que demora no percurso.....	36
Gráfico 4 – Meio de transporte para a escola.....	36
Gráfico 5 – Ano de escolaridade.....	37
Gráfico 6 – Profissão do pai.....	38
Gráfico 7 – Profissão da mãe.....	38
Gráfico 8 – Escolaridade do pai.....	39
Gráfico 9 – Escolaridade da mãe.....	39
Gráfico 10 – Actividades Desportivas extra escola.....	42
Gráfico 11 – Actividades de lazer.....	43
Gráfico 12 – Frequência.....	43
Gráfico 13 – Intensidade.....	44
Gráfico 14 – Competições Desportivas.....	46
Gráfico 15 – Práticas de lazer.....	46
Gráfico 16 – Tempo a ver tv/dia nos dias úteis.....	48
Gráfico 17 – Tempo a ver tv/dia ao fim-de-semana.....	49
Gráfico 18 – Tempo a utilizar o computador/dia nos dias úteis.....	49
Gráfico 19 – Tempo a utilizar o computador/dia ao fim-de-semana.....	50

Resumo

O nosso trabalho tem como temática a ocupação dos tempos livres dos jovens dos 14 aos 19 anos, do Concelho de Arouca.

Conscientes da importância da actividade física na formação integral destes adolescentes, entendemos que seria importante conhecer as actividades de tempos livres dos jovens do Concelho de Arouca, conhecer as práticas desportivas de tempos livres, conhecer as práticas desportivas e recreativas da Vila de Arouca e o papel do município.

Com esta finalidade, procedemos à aplicação de um inquérito, elaborado com o intuito de permitir identificar a frequência de participação dos jovens perante a prática desportiva de ocupação dos tempos livres. O inquérito é constituído por três partes: (I) Identificar as características sócio-demográficas; (II) Identificar o nível de actividade física dos jovens; (III) Identificar em que actividades os jovens ocupam, normalmente, os seus tempos livres.

Os resultados deste estudo indicam que as raparigas cujos pais têm níveis de escolaridade e de profissão mais elevado têm tendência a pertencer ao grupo dos activos.

Os resultados sugerem que os rapazes são mais activos do que as raparigas.

Ambos os sexos referiram ser a ouvir música a principal forma de ocupação dos tempos livres.

Os rapazes referem uma maior participação tanto em actividades orientadas como em não orientadas. A participação em actividades não orientadas por um treinador é mais frequente em ambos os sexos.

Em relação à Câmara Municipal, parece-nos que não consegue dinamizar os espaços que possui, ficando a cargo das várias associações desportivas, recreativas e culturais do Concelho, o impulsionamento dos mesmos.

1 – Introdução

1.1. – Considerações gerais.

Actualmente, a sociedade é caracterizada, entre vários aspectos, pela constante mudança. Estas alterações permanentes assumem como modelo as alterações da relação do tempo e de trabalho com o tempo livre (Garcia, 2000)

“O fenómeno de tempo livre e de lazer é, hoje em dia, um facto que marca a vida das gerações” (Araújo, 2002, p. 11).

Ao elaborarmos este estudo, pretendemos que ele venha a contribuir para obter um conjunto de conhecimentos relativos à forma como os jovens ocupam os seus tempos livres. É importante conhecer os seus hábitos, pois forma como um jovem se comporta durante os seus tempos livres é reveladora da qualidade e eficiência da sua formação. Uma grande parte dos jovens não recebeu a formação que lhes permita ocupar os seus tempos livres de uma forma diferente da passividade. Conhecendo os hábitos dos jovens, as suas preferências, podemos, e devemos orientá-los a planificar as suas actividades (desportivas ou outras), para que não encarem a crescente duração dos tempos livres de outra forma que não as excessivas horas que passam em frente do televisor, a ver vídeo, a jogar computador, entre outras.

Para além do já referido, pensamos ser também relevante conhecer a intervenção das autarquias, não só como uma possível alternativa à escola, mas também para a complementar na organização dos tempos livres dos jovens.

Com este trabalho tentamos fazer uma análise e reflexão da prática desportiva na ocupação dos tempos livres dos jovens dos 14 aos 19 anos, no Concelho de Arouca e quais as condições que este Município oferece a esta faixa etária.

1. 2. – Formulação do problema

Os tempos livres, podem considerar-se como uma das mais importantes dimensões da vida quotidiana dos jovens, quer o usufruto desses tempos seja

considerado um meio de ajustamento ao meio envolvente, quer um factor de integração social.

Considerando que a juventude tem mais tempo livre e mais liberdade (factos que se podem verificar, posteriormente, na evolução histórica do “Lazer”, que é descrita na primeira parte da revisão da literatura) para gerir esse tempo de acordo com as suas satisfações e vontades, as actividades físicas, podem ou não fazer parte desse tempo livre.

As autarquias locais, em cooperação com as entidades desportivas, por exemplo clubes, associações recreativas, IDP, devem desenvolver e criar formas facilitadoras do acesso à prática desportiva, de acordo com as necessidades e motivações dos jovens.

Face ao quadro anteriormente explicitado, sentimos curiosidade de conhecer como é que os jovens do Concelho de Arouca ocupam os seus tempos livres, bem como as condições, nomeadamente físicas, que a Câmara Municipal oferece, no que se refere à promoção de actividades desportivas para os nossos jovens em idade escolar, dos 14 aos 19 anos.

1.3. – Objectivos e Hipóteses

De acordo com a finalidade deste estudo, a pesquisa foi estruturada tendo em conta os seguintes objectivos:

- conhecer as actividades de tempos livres dos jovens do Concelho de Arouca;
- conhecer as práticas desportivas de tempos livres dos jovens do Concelho de Arouca;
- conhecer as práticas desportivas e recreativas da Vila de Arouca;
- conhecer o papel do município de Arouca na ocupação dos tempos livres dos jovens.

HIPÓTESES DO ESTUDO:

HIPÓTESE 1: A autarquia de Arouca tem influência positiva na ocupação dos tempos livres dos jovens, dos 14 aos 19 anos, proporcionando-lhes condições e acesso a uma prática desportiva.

HIPÓTESE 2: A prática desportiva é a principal forma de ocupação dos tempos livres dos jovens dos 14 aos 19 anos no Concelho de Arouca.

2 – Revisão da Literatura

2.1. – Tempos Livres, Desporto e Autarquias

2.1.1. – Caracterização dos Tempos Livres

Não andaremos longe da verdade se afirmarmos que todas as sociedades conheceram o fenómeno do tempo livre, cada uma interpretando-o e dando-lhe o significado que entendia. No entanto, as diferentes interpretações políticas, morais, religiosas e económicas provocaram evoluções constantes do conceito ao longo das épocas (André, 2001).

Será importante referenciar que o conceito de tempos livres surgiu sempre próximo, e nunca oposto, a conceitos como: lazer, ócio, repouso, divertimento e descanso. Curiosamente, os sinónimos de “tempo livre” apontam para um campo lexical de vazio (livre porque está despido de), enquanto que a expressão “ocupação de tempos livres” aponta para a produção (ocupado porque foi preenchido) (*In Atlas*, 1993).

A História ensina-nos que é constante a procura de descanso e prazer desde o Homo Sapiens do Paleolítico (que de descoberta em descoberta foi aprendendo a inventar o descanso), passando pela Civilização Grega (que através da mitologia procura explicar a vida e a morte descobrindo na representação simbólica o ócio e o bem estar) (Howrdin, 1970).

O mesmo autor afirma que, o lazer, para os gregos, não se fundamenta numa determinada quantidade de tempo livre, mas representa um estado de quem não tem necessidade de trabalhar, nem sequer de estar ocupado, como tal, não tem de realizar qualquer actividade. Logo, lazer opõe-se a ocupação, especialmente quando esta implica alguma actividade regida por objectivos concretos e utilitários. Assim, a finalidade do lazer reside em si mesma, não havendo outra razão para realizar uma actividade de lazer senão o simples facto de realizá-la.

Porém, a civilização romana não assimilou a visão grega do ócio. Em latim, *otium* opõem-se a *negotium* ou ausência de ócio, quer dizer, trabalho. O *ócio* é um

tempo de descanso e de recreação do espírito, necessário depois do trabalho (*negotium*), para se poder recuperar de todo o esforço despendido. O *ócio* é um momento de ausência de trabalho que prepara o indivíduo para o recomeçar. O *ócio* não é um fim em si mesmo; antes tem o *negotium* como finalidade, convertendo-se, portanto, num meio para se retirar um maior proveito possível do trabalho. Porém, *ócio* e *negócio* devem fazer parte de uma vida humana unitária. Assim, não se deve desperdiçar o *ócio* mas sim utilizá-lo, descansando, meditando, recriando-se (Howrdin, 1970).

O Cristianismo e a queda do Império Romano, não introduz grandes modificações no conceito de lazer. Por um lado, persiste o ideal grego da contemplação, por outro, pede-se aos crentes que dediquem as suas actividades à salvação e não se preocupem com a segurança presente e futura através do trabalho (Howrdin, 1970).

Na Idade Média e no Renascimento, o trabalho e o lazer da maioria dos agricultores e artesãos está controlado pelas horas do sol (o tempo de trabalho alarga-se a todas as horas de luz do dia, de oito a dez horas, conforme a época do ano). Também a Igreja se encarrega de determinar os dias festivos que surgem além do domingo, dia dedicado ao culto religioso (Howrdin, 1970).

Para a maioria dos homens, lazer e trabalho desde sempre estiveram estritamente ligados. Os dias festivos e os tempos mortos antes e depois do trabalho viviam-se e ocupavam-se com os seus companheiros. Assim, os jogos, as festas e o convívio, eram como que um prolongamento do próprio trabalho (Howrdin, 1970).

A partir da Baixa Idade Média e até à Revolução Francesa, existem referências a um tipo de lazer seleccionado. Este distingue-se por oposição ao trabalho, pela necessidade de minimizá-lo. Caracteriza-se, pelo conjunto de actividades que o constituem se orientarem para a diversão de uma forma exibicionista e provocatória, que é apanágio da burguesia (como prova de riqueza, poder e domínio sobre o povo). A ideia grega de contemplação vai perdendo força na Idade Média e no Renascimento, surgindo no século XVII uma nova forma de

estar no mundo, com novos valores éticos e religiosos que fazem do trabalho a virtude suprema e do lazer um indesejável vício. Como consequência destas ideias, o ritmo de trabalho tende a tornar-se mais duro: o tempo de trabalho situa-se entre as doze e por vezes, dezasseis horas diárias. Surgem exigências para se aumentar a rapidez do trabalho e aparecem outras formas de exploração no mundo da produção, tendo os burgueses um papel de expoentes máximos da moral do esforço, dedicando a sua vida ao trabalho e a lazeres instrutivos. À aristocracia estava reservado o papel das práticas do lazer ostentatório (Howrdin, 1970).

Com a Revolução Industrial, produzem-se as últimas modificações que configuram o trabalho e o lazer modernos. É com a mesma que surge o aparecimento dos primeiros Sindicatos, em que se começam a impor necessidades de um tempo de não-trabalho. Por um lado, o número de horas de trabalho diminui e por outro, o número de pessoas a frequentar a escola aumenta. Estas alterações permitiram ao cidadão comum ter mais tempo livre. Desta forma, as cidades são obrigadas a desenvolver-se e a organizar-se, de modo a permitir que os seus habitantes ocupem o seu tempo livre (em que não estão a trabalhar), ou seja, que se recrie um espaço para as pessoas ocuparem os seus tempos livres (Howrdin, 1970).

Este entendimento de tempo livre manteve-se estabilizado durante vários anos. A partir dos anos cinquenta, modificaram-se as concepções sobre o tempo livre. Este vai perdendo o carácter exclusivo de tempo liberto da produção para se converter em tempo despendido na realização pessoal. É a passagem de uma moral de sacrifício e de esforço para a do prazer. Surgem então os *hobbys* e o trabalho feito em casa por gosto, como meio de ocupar o tempo livre, que se apelida de semi-lazer (Howrdin, 1970).

Esta relação trabalho-tempo livre tem sido objecto de estudo de vários autores, de entre os quais se destaca o sociólogo e pedagogo J. Dumazedier (1968), que define o termo *Tempo Livre* como um conjunto de ocupações a que o indivíduo se pode dedicar com agrado, para descansar, para divertir-se ou para

desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, depois de ter cumprido as suas obrigações profissionais, familiares, sociais ou de trabalho.

Serão as três funções básicas do tempo livre – descanso, divertimento e desenvolvimento, os famosos *três D* que compensam, completam e superam as limitações do trabalho.

O mesmo autor refere ainda que o lazer deve ser entendido como um conjunto de ocupações a que o indivíduo pode entregar-se de livre vontade (Dumazedier, 1976).

Dumazedier (1976) indica três categorias que correspondem às funções mais importantes do lazer: “a função de descanso; a função de divertimento, recreação e entretenimento; e a função de desenvolvimento

A evolução do conceito de tempos livres justifica a necessidade de uma compreensão acerca da estrutura do tempo. Assim, Pais (1989), citado em Tojeira 1992, p. 26) propõe que os tempos livres se dividam em cinco categorias:

“Tempo de necessidades básicas	Quanto tempo se passou na cama? Quanto tempo gastou no conjunto das refeições?
Tempo de trabalho	Quanto tempo trabalhou? Quanto tempo gastou na assistência às aulas? Quanto tempo gastou a estudar?
Tempo de trabalho doméstico	Lavar a roupa e passar a ferro. Lavar e limpar a loiça; cozinhar. Cuidar da casa, de crianças ou animais. Fazer compras e reparações caseiras, etc.
Tempo de deslocações	A pé, de bicicleta ou mota, de carro ou transporte público.

Tempos livres	Ler, ver TV, praticar Desporto, passear, conviver com os amigos, etc.”
---------------	--

Quadro 1 – Estrutura do tempo

Tendo em conta esta divisão do tempo, podemos concluir que, apesar de ser um fenómeno de massas, o tempo livre terá diferentes conceitos consoante as diferentes classes sociais, visto que as possibilidades materiais poderão vir a ser determinantes na quantidade e qualidade dos tempos livres.

Evidentemente, o equilíbrio entre os vários tempos gastos nas diversas ocupações deverão ser avaliados em cada caso, tendo em conta não só o indivíduo, mas também o meio real em que se encontra e desenvolve a sua actividade.

Segundo Avanzini (1978,p. 124-125) os Tempos Livres podem ter cinco funções:

- “- A primeira e mais simples consiste na descontração e repouso, consequência ao cansaço físico e intelectual provocado pelo trabalho.

- A segunda reside em oferecer passatempos, para que este momento de repouso não seja tédio.

- A terceira refere-se a facilitar e mesmo provocar a evasão. Espera-se dela que absorva as preocupações da vida escolar. Neste caso é de divertimento que se trata.

- A quarta diz respeito a satisfazer ludicamente os desejos, na impossibilidade de os realizar objectivamente, de visualizar os sonhos. Isto é tanto mais procurado quanto menor for a satisfação proporcionada pela vida quotidiana. Este tipo de Tempo Livre depende então do tipo de desejos expresso na concepção de felicidade dos jovens.

- Finalmente a quinta consiste, para os indivíduos com um estatuto sócio-económico mais favorecido, em contribuir para a sua formação. Procuram então, quer valorizar a sua experiência do mundo e dos outros, quer aumentar os seus conhecimentos.”

Se considerarmos estas funções possíveis dos tempos livres, verificamos que a experiência que se faz deles é ambígua e conduz, com frequência, à decepção. Se uma primeira função é cumprida com facilidade, o mesmo não se pode dizer das outras.

A maioria das vezes é o próprio adolescente que tem de tomar a iniciativa de organizar os seus tempos livres, mas em muitos casos, os jovens não são capazes de o fazer e a família também não está em condições de os ajudar ou propor uma actividade que lhes agrade. Acontece frequentemente não terem dinheiro para ocuparem os seus tempos livres de acordo com as suas preferências, pelo que lhes causa frustração ver que outros possuem recursos superiores aos seus (Malina e Bouchard, 1991).

Diante deste cenário, acreditamos que a Escola vê cada vez mais atribuir-se-lhe uma nova responsabilidade pelos conhecimentos que fornece; não se limita a formar para a profissão futura, deve preparar também os tempos livres, explorando as técnicas e interesses que permitam praticá-los da melhor maneira, não para impor actividades, mas para proporcionar exemplos, hábitos, técnicas e interesses que permitam aos jovens saber orientar o seu tempo.

O tempo nunca é livre, é ocupado com estas ou aquelas práticas: quer se trate de trabalho (produção - com fins lucrativos), semi-trabalho (recreação/trabalho - em que o prazer deve predominar sobre o trabalho), como por exemplo, os tricotes ou as aprendizagens de matérias específicas: falar inglês, nadar, dançar, tocar piano, entre outras, e recreação (prazer, bem estar - que não tem nenhum fim aparente a não ser o bem estar, o convívio, entre outras actividades lúdico-recreativas ou jogos dentro das quais podemos destacar as práticas desportivas) (Pereira e Neto, 1994).

Segundo o mesmo autor, o conceito de tempo livre abarca o tempo disponível do jovem, retirando o período em que este permanece nas salas de aula (tempo curricular). Assim, o indivíduo pode estar na escola e ter tempo livre, pois os intervalos entre as aulas, o período do almoço e horas sem aulas, são momentos que podem ser ocupados para a concretização de algumas das

funções dos tempos livres, referidas anteriormente. Consideramos também tempos livres todos os momentos passados fora da escola, excepção feita aquelas situações em que o jovem tem as vulgarmente chamadas “explicações” para complemento das aprendizagens escolares.

2.1.2. – A sociedade e os jovens

Quando falamos em tempos livres não podemos deixar de citar uma questão que tem sido determinante na qualidade da ocupação dos mesmos, o *Novo-riquismo*. Nos últimos anos, o tempo livre aumentou e é uma necessidade que cada vez mais se impõe, sobretudo entre as camadas mais jovens (Tojeira, 1992).

Igualmente, o *Novo-riquismo* instalou-se numa sociedade onde todos os valores, todas as normas radicam única e exclusivamente na liberdade, nada tem valor absoluto ou universal. Na sociedade actual o individualismo e o egoísmo reinam. Cada um só pensa no seu bem-estar, deixando de fazer sentido falar de ética e de moral. Estamos perante um consumismo desmedido, é preciso produzir mais, consumir mais e principalmente, ter sempre mais.

Nesta sociedade, uma sociedade de consumo, a dinâmica que vigora é a alta concorrência, a alta competição. Quem não render não vale, é deixado de lado. E como não poderia deixar de ser, nesta realidade, os tempos livres surgem como um espaço perfeito para a manipulação e comercialização desmedida de tudo o que possa dar lucro.

Assim, os jovens perante a impossibilidade de ocupar o tempo livre experimentam o tédio, sem que surjam iniciativas de actividades merecedoras de seu agrado. E quanto menos dinheiro e cultura possuem, menos o conseguem, desviando-se para comportamentos anti-sociais, acabando por se envolver com males característicos dos nossos tempos. É que uma grande parte dos jovens, senão a maioria, durante a sua vida não receberam em parte alguma, a formação que lhes poderia permitir ocupar o seu (cada vez mais) tempo livre de uma forma diferente da passividade (Holde, 1988).

Em muitos casos “voltam-se para os mass-media: além de um passatempo,

esperam deles a evasão e instalam-se no processo de identificação-projecção”, (Avanzini, 1978, p. 125). Através do fácil acesso a meios de comunicação, constroem-se dogmas e heróis, e consagram-se às vedetas. Quer se trate de “discos da moda, emissões de T.V. ou rádio, ou a imprensa, identificam-se assim a um universo jovem impenetrável para os outros, com os seus ritos próprios e a sua psicologia colectiva”(Avanzini, 1978, p. 125).

Não podemos deixar de salientar o perigo considerável deste fenómeno, já que torna mais fácil o regresso ao quotidiano e provoca uma espécie de inadaptação à vida social e escolar, de indiferença aos verdadeiros problemas, visto que é evidente o poder de manipulação dos meios de comunicação, “produz-se uma espécie de desrealização, de que muitas vezes assinalada não passa de um aspecto” (Avanzini, 1978, p. 126).

Portanto, a forma como o jovem se comporta durante os tempos livres, revela a qualidade e a eficiência da formação anterior. O grande perigo está no facto do jovem estar entregue a si mesmo, sem ter sido preparado para tal, sem ter tido uma formação que lhe permita encarar o seu crescente tempo livre de uma forma menos passiva.

2.1.3. – Desporto enquanto fenómeno social

O Desporto é uma das actividades humanas que de uma forma sistemática e regular mobiliza a atenção das pessoas à escala do planeta.

Bento (1991), refere que o Desporto corporiza um tempo de alegria, de prazer, de ausência de stress, de fruição da vida, de entusiasmo, de felicidade, de movimento e de actividade, de estar bem consigo próprio, é um chamamento à festa do corpo e da vida, à acção, à comunicação, cooperação e comunhão entre pessoas. Também refere que é necessário atrair a este caminho cada vez mais pessoas, é necessário aumentar e alargar os caminhos que levam à prática desportiva.

O mesmo autor refere ainda que o Desporto transmite vida e vontade de viver (Bento, 1995).

Actualmente não é possível entender mais o Desporto como a procura exclusiva de rendimento desportivo, traduzido no recorde, na marca ou na vitória. Por isso, os seus referenciais não residirão mais, apenas no campeão, no talentoso, no “fora de série” ou no medalhado (Constantino, 1994).

O Desporto do futuro será o Desporto dos cidadãos, construído à medida de cada um, dos sexos, da forma física, das motivações, da promoção da saúde, da defesa do meio ambiente, da solidariedade social, da descoberta da expressão através do movimento, da libertação do corpo, do sentido de aventura, do prazer de jogar, mas também do gosto de competir (Constantino, 1995).

Mota (1997) partilha a mesma opinião do autor anteriormente referido pois afirma que o Desporto deve promover, cada vez mais, o acesso a todos. A participação, a alegria, a festa, a excelência, devem ser valorizadas dentro do Desporto, promovendo o bem-estar de todos os indivíduos.

Será uma prática do Desporto que acima de tudo respeite a diversidade e multiplicidade de objectivos, de motivações, de gostos e de rendimentos, ou seja, um Desporto feito de diferenças, nas competições, nas concepções, nos modelos, nos conteúdos, nas formas. Um Desporto que chegue a todos (Marivoet, 1993)

Consideramos que não estamos perante uma moda passageira, mas sim perante uma modificação da consciência cultural e desportiva contemporânea. Verifica-se que as sociedades modernas estão perante um novo paradigma do Desporto, que obedece a preocupações de natureza global ligadas ao equilíbrio psico-físico, à saúde e ao bem-estar geral, ao equilíbrio ambiental, em suma, a uma concepção moderna de qualidade de vida.

De acordo com Bento (1991), o desporto alcançou nos últimos anos uma valorização social e cultural anteriormente inimaginável.

De uma forma geral, também o tempo livre há muito que faz parte das preocupações dos responsáveis dos diferentes países à medida que o desenvolvimento sócio-económico vai surgindo.

Existe uma necessidade de distinguir tempo livre pago de tempo livre não pago. Por enquanto, a oferta de momentos de lazer de qualidade tem de ser paga.

Esperamos que a curto prazo as entidades responsáveis coloquem à disposição do cidadão comum espaços adequados para a ocupação dos tempos livres, sem custos, a exemplo do que acontece por toda a Europa.

De acordo com a organização do poder político em Portugal, as autarquias constituem um local estratégico fundamental susceptível de responder à solução pública das necessidades de prática desportiva de crianças e jovens em idade escolar, através da adequação das suas políticas às necessidades de prática desportiva, realizada quer na escola, quer fora dela (Constantino, 1994).

Face à necessidade de movimento e ao papel excepcional que o Desporto em geral desempenha na vida juvenil, a função da autarquia é preponderante.

Nos dias de hoje não existe a barreira da idade para a prática do Desporto, cujo objectivo é a procura da satisfação de uma vasta gama de interesses, de tendências ou de necessidades.

O Desporto é uma actividade que se desenvolve em estreita ligação com os sectores de educação, da cultura, do lazer e de economia, no quadro da organização social dos países e tem como funções: a promoção da saúde e bem-estar, recuperação do stress do dia-a-dia e compensação das insuficiências do movimento da sociedade técnica em que vivemos (Bento, 1991).

“...o Desporto é, por conseguinte, um factor de modificação da sociabilidade ao intensificar a modalidade das relações entre indivíduos e grupos” (France Govaerts, citado em Amado, 1994, p. 131).

2.1.4. – As autarquias e o Desporto

As autarquias são locais fundamentais para o desenvolvimento duma prática desportiva de acordo com a política do ex- Instituto do Desporto (INDESP), agora Instituto do Desporto de Portugal (criado através do Decreto-Lei n.º 96/2003 de 7 de Maio), ou seja, colocar o Desporto ao serviço da democratização, é fazer com que assuma a sua verdadeira função cultural e portanto, contribua para o despertar das populações para os seus reais problemas.

As autarquias, normalmente, consideram como secundárias as iniciativas a

desenvolver no sentido da prática desportiva, o que reflecte uma perspectiva distorcida de entender esta actividade, tornando-se necessário, também a este nível, repensar o Desporto, na medida em que, por um lado, a prática desportiva poderá ser um factor de duradoura influência na reconstrução da força do trabalho e na cultura das populações, e por outro, a prática desportiva poderá constituir um factor mobilizador das populações no sentido de as levar a analisar, criticamente, as suas situações de vida e a encontrar as razões que as determinam.

O sentido de apoio das autarquias está orientado para a organização de actividades, a gestão do espaço e do equipamento e instalações mínimas para a prática desportiva (considerando instalação mínima um “espaço terraplanado” não coberto).

O Desporto encontra-se presente nos diferentes estatutos político-administrativos de enquadramento da acção das autarquias locais, ou seja, o Desporto é matéria de manifesto interesse público. O papel dos municípios como agentes democratizadores e niveladores do acesso dos cidadãos ao uso do Desporto no âmbito da ocupação dos tempos livres, está deste modo, de todo justificado. Em primeiro lugar, valorizando o papel cultural do Desporto junto do cidadão, em segundo lugar, diversificando as ofertas de condições para o adequado uso desportivo do tempo livre, designadamente para as camadas sociais com mais dificuldades de acessibilidade, e em terceiro lugar, colocando o cidadão no centro e na razão directa das próprias actividades, o que supõe que este seja considerado não apenas como consumidor, mas também como gestor e animador das próprias actividades em que participa (Carvalho, 1994)

Teoricamente, as Autarquias deveriam ser, por excelência, as entidades que promovem os tempos livres, mas nem sempre o fazem da forma mais adequada. Por um lado, existem poucos Municípios com Pelouro do Desporto, estando normalmente associado à vereação da Cultura e Desporto; por outro lado, talvez devesse haver mais técnicos com formação na área do Desporto na vereação da Cultura e do Desporto. Só recentemente este cenário tem vindo a ser alterado, como por exemplo na Câmara Municipal de Arouca (Veiga, 1997)

Esperámos que rapidamente as autarquias repensem o fenómeno dos tempos livres e que as verbas disponibilizadas para esta área sejam cada vez maiores. Também se pode colocar a questão se o problema está no valor monetário disponibilizado ou na forma como este é utilizado. Somos sensíveis a este problema, mas consideramos ser um assunto pouco relevante para este tema. Uma vez que os tempos de lazer são fundamentais para o desenvolvimento físico-psico-social do ser humano, homens e mulheres, jovens e menos jovens, altos e baixos, gordos e magros, todos e todas, exigirão de modo crescente dos poderes públicos as respostas sociais a uma excelência feliz, equilibrada e saudável. (Constantino, 1994).

2.1.5. – O Município, a Escola e a Prática desportiva dos jovens

O jovem tem hoje necessidade de praticar Desporto na escola e fora dela. Essa necessidade não resulta de um motivo de ordem exclusivamente orgânica ou de despesa energética, mas sobretudo pelo conjunto de motivações que caracterizam actualmente a procura social do Desporto, relativa ao domínio de ocupação dos tempos livres. Por outro lado, a juventude é um grupo social associado à mudança e ao desejo de inovação e experimentação sendo, portanto, avesso a modelos únicos, quer de oferta de actividades, quer de formas de organização. Perante estas circunstâncias, entendemos que as obrigações do Estado não podem estar confinadas exclusivamente à instituição escolar, situando-se o problema da seguinte forma: a escola apenas proporciona duas ou três horas semanais de Educação Física e muito pouco além disto (em algumas escolas apenas uma ou duas mesas de ping-pong) e os horários escolares não contemplam muitas horas de lazer, com a respectiva oferta de situações de recreação; por outro lado, a escola não deve ser considerada o único local para aquisições de práticas de lazer. Sê-lo-à pelo muito tempo que os alunos passam na escola, mas não exclusivamente (Branco, 1994).

O mesmo autor refere que, as motivações, as necessidades e os gostos que atraem o jovem para a prática do Desporto não encontram satisfação material

suficiente, em quantidade, diversidade e qualidade, no interior da escola, por força da sua natureza, concepção e organização. O Estado tem de permitir que a escola cada vez mais possa responder às necessidades actuais dos jovens e para isso há que iniciar o processo de adequação jovens-escola-necessidades.

Constantino (1994), menciona que município é um local estratégico fundamental à solução pública das necessidades da prática desportiva dos jovens em idade escolar. Ele intervém na criação de condições de prática desportiva na escola e fora dela.

A ligação Escola-Autarquia tem de ser entendida como um compromisso de trabalho, em que ao município caberá o papel mobilizador e de remoção de obstáculos à prática da actividade física, à instituição escolar pertence a capacidade de renovação, vontade e competência para integrar a actividade física e o Desporto no seu Projecto Educativo.

Ora, cada escola é um caso diferente, mas em termos concretos a colaboração Autarquia-Escola é determinada pelas circunstâncias locais. Todavia, julgamos que essa cooperação se deveria processar em torno de quatro grandes grupos de questões: actividades; instalações e apetrechamento de material; formação, documentação e promoção; transportes. Competiria à autarquia afirmar-se como charneira na mobilização e coordenação de recursos e de vontades, empenhando-se em criar um clima de confiança no relacionamento com a instituição escolar, mobilizando a escola e os seus agentes (professores, alunos, pais,...) para a remoção dos obstáculos que impedem e limitam a prática desportiva no interior da escola (Constantino, 1993).

Para além desta ligação Escola-Autarquia, temos de fazer também a ligação Escola e o Associativismo Desportivo. A oferta de possibilidade das camadas jovens praticarem Desporto fora da escola é, sobretudo, constituída pelos clubes desportivos, complementados em certos casos por operadores privados (Carvalho, 1994).

Assim, os clubes afirmam-se como uma das principais vias de acesso à prática desportiva, fora do meio escolar. No entanto, apresentam acentuadas

limitações, tais como a dificuldade em acolher novas práticas sociais e novas modalidades desportivas, visto possuírem uma estrutura organizativa que privilegia quase exclusivamente a prática competitiva de rendimento; a exclusão dos menos aptos fisicamente, que não conseguem corresponder às exigências da lógica competitiva e de rendimento.

É por via do que deixamos expresso que a autarquia deve assumir a responsabilidade que lhe cabe no desenvolvimento e implementação de práticas desportivas para todos os cidadãos (Cunha, 1993).

2.2. – O Concelho de Arouca

2.2.1. – Apresentação do Concelho



Figura 1 – Mapa de Portugal

O Concelho de Arouca inscreve-se na zona charneira entre o Norte e o Centro de Portugal e entre o litoral e o interior, separados pelas barreiras orogénicas que extravasam este concelho.

O mesmo ocupa uma área de 327,9

Freguesia	Habitantes	Área(km ²)
Albergaria da Serra	140	14,37

Alvarenga	1368	39,03
Arouca	3098	8,59

Km2, distando cerca de 80 Km de Aveiro, capital de distrito, sendo delimitado pelos concelhos da Feira e S. João da Madeira a Oeste; Vale de Cambra e S. Pedro do Sul a Sul; por S. Pedro do Sul e Castro de Aire a Este; e de Cinfães e Castelo de Paiva a Norte. É constituído por 20 freguesias, cuja população ronda os 24 000 habitantes: Albergaria da Serra, Alvarenga, Arouca, Burgo, Cabreiros, Canelas, Chave, Covêlo de Paivó, Escariz, Espiunca, Fermêdo, Janarde, Mansores, Moldes, Rossas, Santa Eulália, S. Miguel do Mato, Tropeço, Urrô e Várzea.

Burgo	2067	6,76
Cabreiros	186	18,48
Canelas	864	23,83
Chave	1414	11,61
Covelo de Paivó	169	28,99
Escariz	2255	17,13
Espiunca	477	12,65
Fermado	1504	12,16
Janarde	159	18,01
Mansores	1155	13,96
Moldes	1477	28,01
Rossas	1693	11,47
Santa Eulália	2339	14,12
São Miguel do Mato	800	23,41
Tropeço	1297	18,23
Urrô	1206	10,53

Várzea	559	1,84
--------	-----	------

Quadro 2 – Freguesias do Concelho

Dadas as características acidentadas do terreno, as condições de acesso das populações residentes nas freguesias mais distantes da vila, embora se tenham vindo a verificar melhorias significativas nos últimos tempos, não são as melhores, com estradas sinuosas e estreitas, com o asfalto por vezes em muito mau estado.

Não existe qualquer residência para estudantes, o que obriga a que muitos dos que vivem nas localidades mais distantes tenham que levantar-se cerca das seis horas da manhã, chegando a casa por volta das vinte horas. Estes são alunos pertencentes, geralmente, a famílias económica, social e culturalmente menos favorecidos.

**Figura 2 – Concelho de Arouca**

2.2.2. – Política Desportiva do Concelho de Arouca

Relativamente à política desportiva do Município de Arouca, a Câmara tem

trabalhado muito na criação de instalações e equipamentos sociais, na “base material” (Quadro 3) para a democratização da cultura física, mas em termos da promoção e divulgação de actividades físico-desportivas mais variadas e a sua inclusão no quadro cultural jovem, pouco ou nada tem feito.

TIPO	TOTAL
Campos de futebol	12
Campos de ténis	2
Polidesportivos	9
Piscinas (uma coberta e outra ao ar livre)	2
Pavilhões gimnodesportivos	3
TOTAL	28

Quadro 3 – Base material

Para formar um jovem fisicamente, é importante uma prática de actividades educativas e formativas que contribuam essencialmente para o desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras, a ponto de se procurar uma verdadeira integração de comportamentos, atitudes e hábitos na vida do jovem.

O plano de actividades da Câmara Municipal de Arouca destinado ao Desporto e tempos livres, pode ser sintetizadas do seguinte modo:

- participação financeira e logística;
- intervenção no plano de instalações e equipamentos;
- formação, documentação e programação das actividades;
- apoios ao associativismo;
- grandes iniciativas;
- intervenção no plano do Desporto Escolar.

No fundo, são estas seis premissas que constituem a política de desenvolvimento desportivo municipal e que procuramos sintetizar nas rubricas Desporto e Tempos Livres e Desporto Escolar.

2.2.2.1. – Desporto e tempos livres

Desde 1993, esta matéria tem sido uma preocupação fundamental deste Município, tendo em conta a análise do Plano de Actividades desta Câmara Municipal (2005), em relação às rubricas do Programa, conforme o exposto no Quadro 4.

Designação	Total Previsto (em euros)
Projecto para piscina em Alvarenga	500
Construção da zona desportiva (3ª. Fase)-Estádio Mun.	1.716.831
Projecto da casa da Juventude	520.500
Proj/constr. balneários ar.ext. polidesportivo Várzea	101.791
Proj/valor p/espaco verde apoio zona desportiva	500
Proj/Construção piscinas no Fundo do Concelho	1.391.043
Aquisição de terreno p/ polidesportivo em Rôssas	500
Proj/Construção Polidesportivo em Tropeço	25.000
Locação de viatura para o Desporto	26.465
Elaboração da Carta Desportiva	500
Construção de Polidesportivos	116.268
Arranjo de parques infantis	15.000
Construção de Polidesportivo em Cabreiros	500
Construção de Polidesportivo da Espiunca	50.000
Proj/Construção recinto desportivo de Sta. Eulália	50.000
Aquisição de equipamento para complexo desportivo	
1- Equipamento básico	18.187
2- Equipamento administrativo	4.427
3- Aquisição de ferramentas e utensílios	3.386
Comp. benef. campo Futebol Clube de Arouca	15.000
Constr. de balneários Polidesportivo Boavista (Sta. Eulália)	40.000

Aquisição de terrenos p/ infra-estruturas desportivas	500
Obras em parques desportivos	5.000
Subsídios a instituições	20.000
Comp. Invest. A desenvolver diversas associações	15.000
Aquisição de equipamentos desportivos	2.500
Promoção de actividades desportivas e recreativas	
1- Aquisição de bens	2.500
1- Aquisição de serviços	6.000
Subsidio ao Futebol Clube de Arouca	17.500
Aquisição de equipamentos p/ parques infantis	10.000
TOTAL	4.175.398,00 €

Quadro 4 – Programa destinado ao Desporto e Tempos Livres**2.2.2.1.1. – Infra-estruturas**

Através da análise do quadro acima exposto, podemos concluir que a Câmara Municipal tem vindo a aumentar o número de infra-estruturas desportivas bem como a manutenção das já existentes, não só na Vila de Arouca, mas um pouco por todo o Concelho.

2.2.2.1.2. – Subsídios

Relativamente à política de subsídios, a Câmara Municipal distribui pelas associações desportivas do concelho cerca de 40.000 euros (25.000 dos quais para o F.C. Arouca). Ainda concedeu subsídios de cerca de 30.000 euros a instituições.

Hoje em dia, as associações desportivas, tal como as musicais, recreativas, culturais, etc., vivem com inúmeras dificuldades, sendo a situação económica um dos grandes problemas com que se debatem os seus directores. Em virtude das dificuldades apresentadas pelas associações, e embora os subsídios da Câmara para aquelas sejam sempre um pouco escassos (mas os possíveis), só com ajudas, a par das acções que cada associação desenvolve, se conseguem manter

activas no seu serviço à população, sendo esta muitas vezes um dos suportes de sobrevivência.

2.2.2.1.3. – Divulgação e Promoção

Neste ponto, a Câmara Municipal de Arouca, apenas se tem preocupado em organizar o *torneio de futebol juvenil* a realizar para meados de junho, e nalgumas provas de atletismo e ciclismo realizadas em dias comemorativos como é o caso do *25 de Abril*.

2.2.2.2. – Desporto Escolar

Muito embora tenhamos consciência que a prática do Desporto Escolar deve estar centralizada na dinâmica Escola, achamos que esta actividade ao situar-se na franja dos tempos escolares dos alunos, deva também ser apoiada pela estrutura autárquica.

Em relação a este aspecto, a Câmara Municipal mantém total disponibilidade do transporte dos alunos para as práticas competitivas. Apesar de compreendermos o esforço colocado na concretização da ocupação dos tempos livres, através da consecução de uma prática desportiva formativa como é o Desporto escolar, achamos que o preceito é diminuto, comparado com os objectivos perseguidos.

3. – Metodologia

3.1. – Caracterização da amostra

Os estudantes dos 10^o, 11^o e 12^o anos de escolaridade da Escola Secundária de Arouca, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos inclusive, constituíram o objecto do nosso estudo.

De um universo de cerca de 473 alunos, a amostra do presente estudo é constituída por 204 jovens (43,13%).

3.2. – Instrumentos de investigação

Para a concretização do nosso estudo, o instrumento de investigação utilizado foi um inquérito, elaborado com o intuito de permitir identificar a frequência de participação dos jovens perante a prática desportiva de ocupação dos tempos livres do Concelho de Arouca.

O inquérito é constituído por três partes:

I – características sócio-demográficas;

II – identificar o nível de actividade física dos jovens;

III – identificar em que actividades os jovens ocupam, normalmente, os seus tempos livres.

Características sócio-demográficas

Os grupos de idade foram escolhidos no sentido de representar os diferentes níveis de escolaridade. O grupo pertencia ao Ensino Secundário da Escola Secundária de Arouca e tinham idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. As profissões dos pais foram classificadas de acordo com a Classificação Nacional das Profissões (Instituto Nacional de Estatística, 1994) e em seguida foram agrupadas em três categorias (baixa, média e elevada). O mesmo procedimento está descrito em outros estudos (Santos, 2004). O nível educacional do pai e da mãe foi definido em concordância com os níveis de escolaridade do sistema nacional e dividido em três categorias. Assim, os indivíduos com 9 anos de escolaridade ou menos foram colocados na categoria de escolaridade “baixa”, entre os 10 e os 12 anos de escolaridade categoria de escolaridade “média” e com

mais de 12 anos de escolaridade na categoria de escolaridade “elevada”. Procedimentos similares têm sido descritos em estudos realizados em contexto português (Mota e Silva, 1999).

Actividade Física

Uma vez que o índice de actividade física não apresentava uma distribuição normal, optou-se por apresentar os valores da actividade física em duas categorias de nível de actividade física, procedimentos semelhantes têm sido referidos em outros estudos (Mota e Silva, 1999).

Actividade de Lazer

As actividades de Lazer foram avaliadas por intermédio de um inventário que apresentava uma lista de 21 actividades onde os jovens assinalavam a respectiva participação ou não participação. Este instrumento foi elaborado por Cloes et al (1997).

Tendo como objectivo a consistência das perguntas, aplicamos, aleatoriamente, o inquérito a uma turma do 11^o ano da Escola Secundária de Arouca.

Face aos elementos recolhidos e aos objectivos propostos, não vimos qualquer necessidade de alterar o inquérito feito.

3.3. – Procedimentos dos resultados

O tratamento estatístico dos dados foi efectuado no programa SPSS 13.0 para Windows e Microsoft Excel 2003 para Windows.

4. – Apresentação dos resultados

4.1. – Características sócio-demográficas

Dos 204 jovens inquiridos aleatoriamente, a maioria (65,6%), encontra-se com idade de 15 (32,8%) e 16 (32,8%) anos (gráfico 1), sendo a sua maior percentagem do sexo feminino – 73% (gráfico 2).

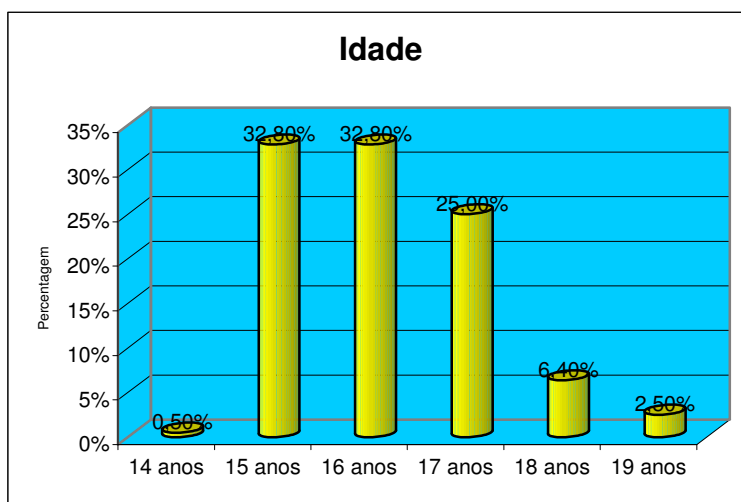


Gráfico 1 – Idade

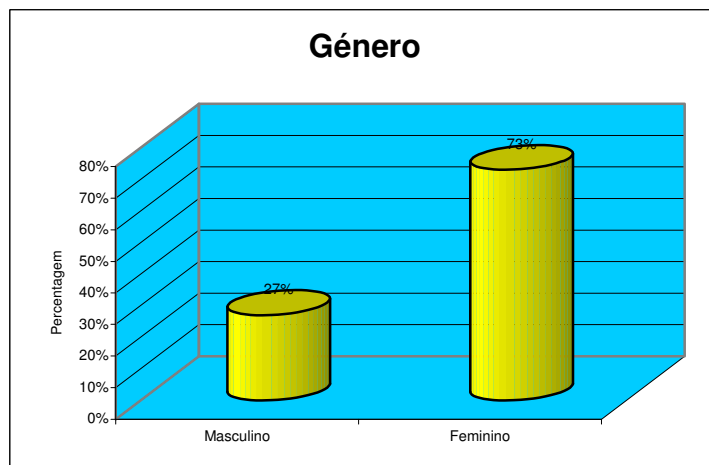


Gráfico 2 – Género

A primeira parte do inquérito tinha como objectivo situar o jovem a nível escolar, permitindo também verificar qual o nível cultural e económico em que se insere.

Pelos gráficos 3 e 4, podemos verificar que, a maioria dos inquiridos (69,6%), necessita de 0 a 15 minutos para se deslocar ao estabelecimento de ensino que frequenta e a maioria utiliza o automóvel e o autocarro como meios de transporte, com 43,1% e 41,2%, respectivamente.

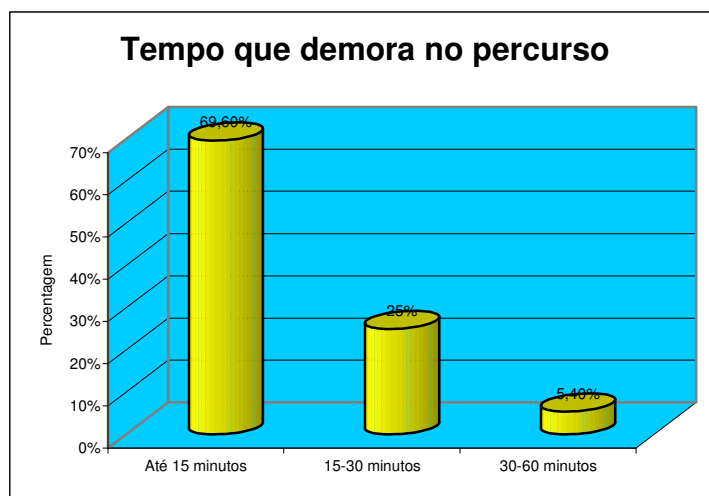


Gráfico 3 – Tempo que demora no percurso

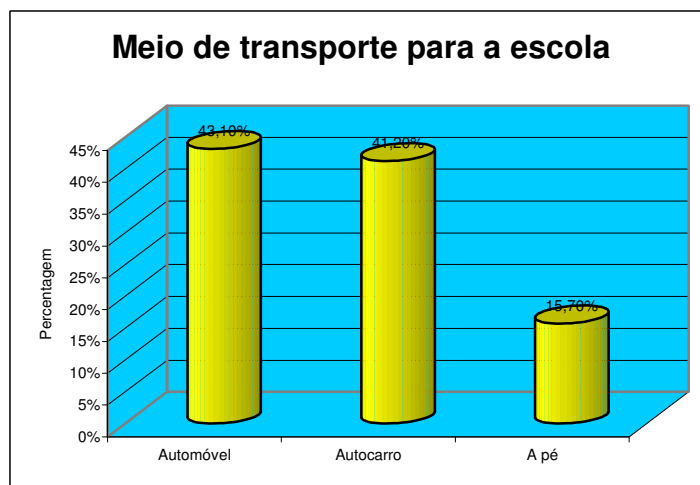


Gráfico 4 – Meio de Transporte para a escola

No que respeita à escolaridade, a pluralidade dos jovens que preencheram o inquérito (49,5%), frequenta o 10º ano. Em seguida surgem os alunos que

frequentam o 11º ano (30,39%) e, no final, os alunos que frequentam o 12º ano, com cerca de 20%.

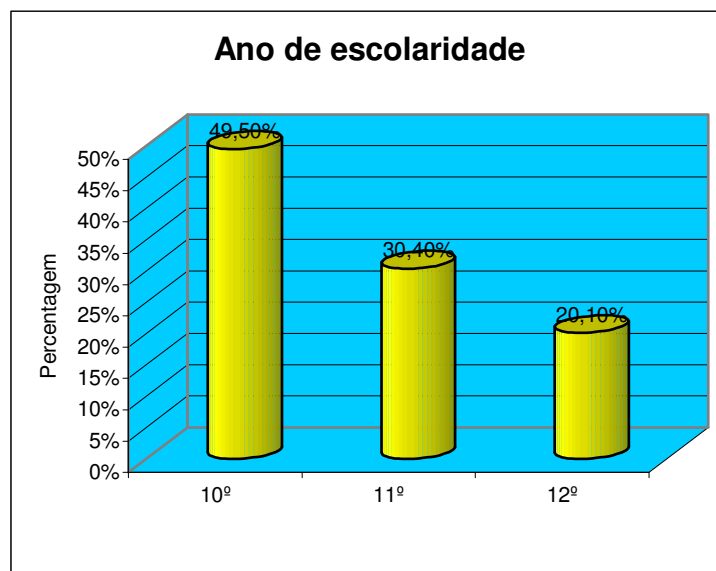


Gráfico 5 – Escolaridade

O acesso às actividades e às práticas de tempos livres, está directamente relacionado e condicionado pelo quadro de vida e inserção social do jovem, pelas condições sócio-económicas da família e também pela política desportiva das autarquias no que concerne aos seus equipamentos e ao seu acesso. Daí o estudo dos recursos económicos do agregado familiar, que condicionam a acessibilidade às práticas desportivas de tempo livre.

Os dados de Gráfico 6, indicam-nos que a grande maioria dos pais (52,5%) tem uma ocupação profissional média. 33,3% tem uma ocupação baixa e apenas 14,2% apresentam uma profissão de estatuto elevado. Em relação às mães (Gráfico 7), o panorama muda um pouco. A esmagadora maioria (83,7%) tem uma ocupação profissional média, 11,9%, elevada e apenas 4,5%, têm uma profissão de baixo estatuto.

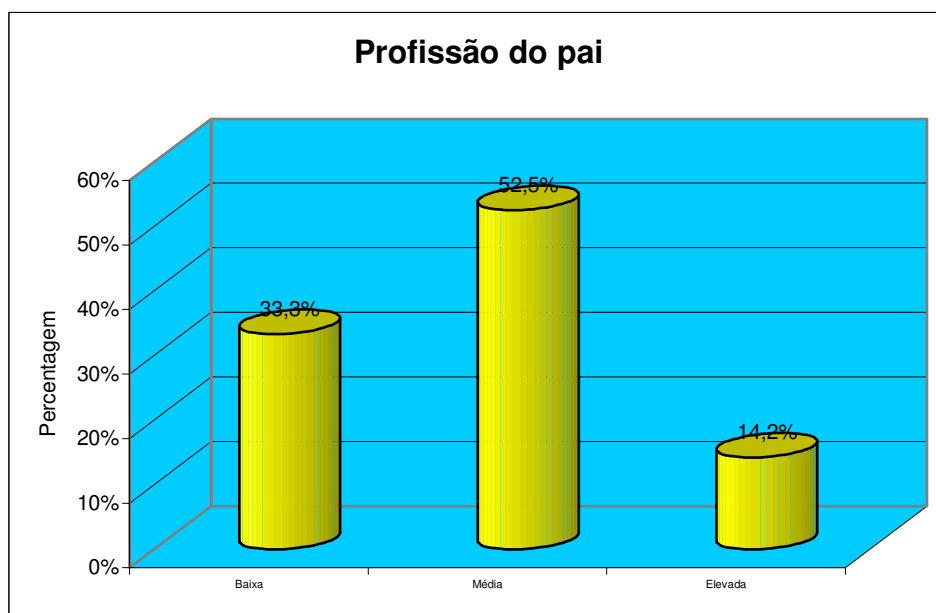


Gráfico 6 – Profissão do pai

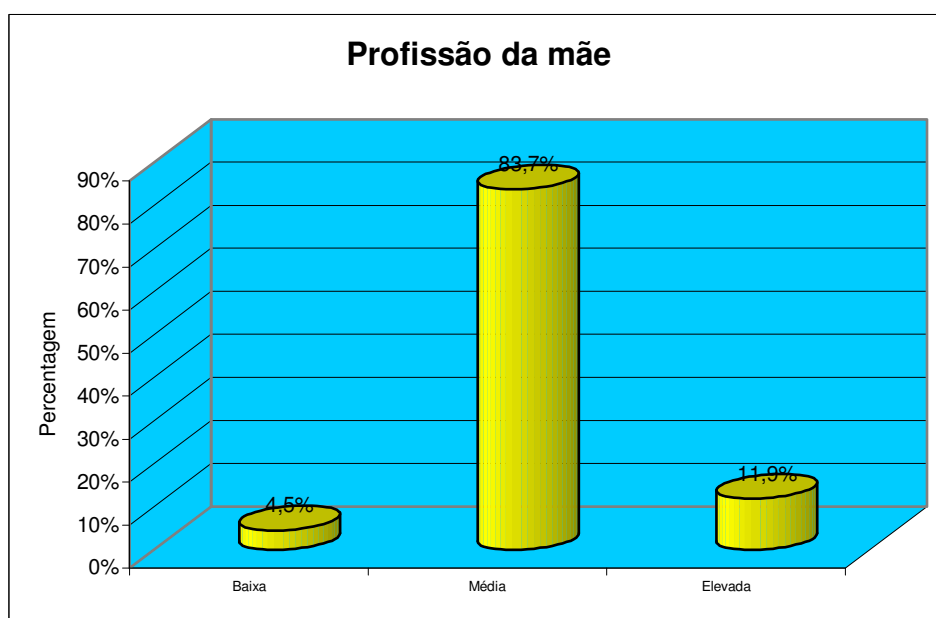


Gráfico 7 – Profissão da Mãe

No que respeita às características culturais dos pais dos jovens, verifica-se através dos dados, as seguintes habilitações literárias (gráfico 8 e 9):

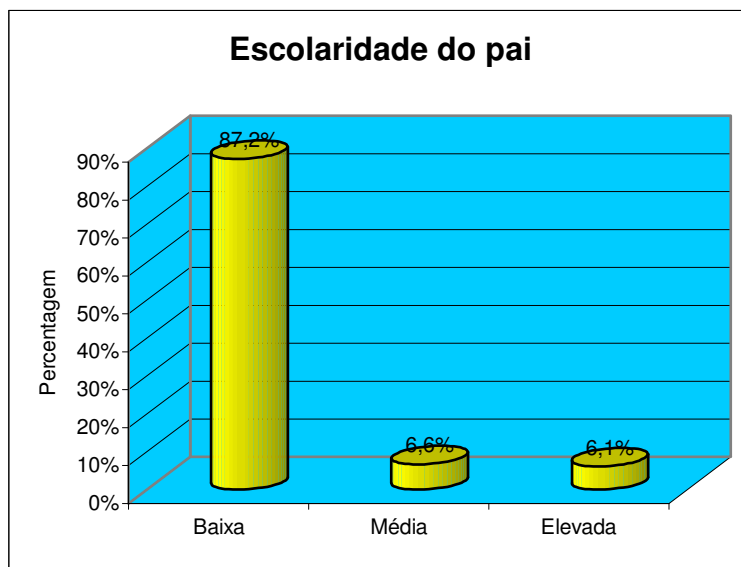


Gráfico 8 – Escolaridade do pai

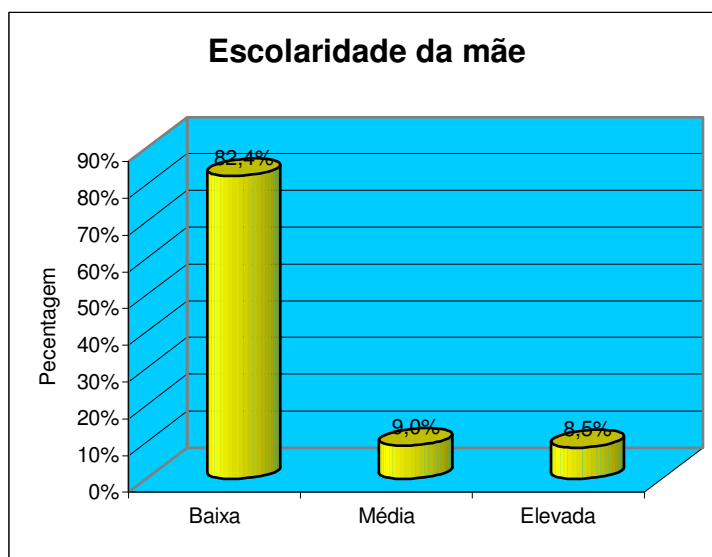


Gráfico 9 – Escolaridade da mãe

Como se pode constatar pelo gráfico 8, em relação ao nível de escolaridade do pai, os dados apresentam valores muito elevados em relação à escolaridade baixa (87,2%), seguindo-se a escolaridade média (6,6%) e a escolaridade elevada (6,1%).

Relativamente à mãe, o cenário repete-se, mas com valores percentuais um pouco diferentes. O valor da escolaridade baixa diminui para os 82,4%, o da

escolaridade média aumenta para os 9% e o da escolaridade elevada também aumenta para os 8,5%).

Os quadros 5 e 6 apresentam as percentagens de jovens em cada nível da actividade e as respectivas associações com a escolaridade e a profissão do pai e da mãe, separadamente para rapazes e raparigas.

Rapazes		Nível de actividade física		
		Pouco activos	Activos	χ^2 (g.l.)
Profissão do pai	Baixa	33,30%	18,90%	1,832 (2) n.s
	Média	55,60%	59,50%	
	Elevada	11,10%	21,60%	
Escolaridade do pai	Baixa	94,10%	69,40%	4,549 (2) n.s
	Média	0%	19,40%	
	Elevada	5,90%	11,10%	
Profissão da mãe	Baixa	11,10%	2,70%	3,093 (2) n.s
	Média	83,30%	78,40%	
	Elevada	5,60%	18,90%	
Escolaridade da mãe	Baixa	76,50%	66,70%	0,833 (2) n.s
	Média	17,60%	19,40%	
	Elevada	5,90%	13,90%	

Quadro 5 – Percentagem de rapazes por nível de actividade física de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe.

Raparigas		Nível de actividade física		
		Pouco activos	Activos	X ² (g.l.)
Profissão do pai	Baixa	37,10%	36,50%	5,448 (2) n.s.
	Média	54,60%	42,30%	
	Elevada	8,20%	21,20%	
Escolaridade do pai	Baixa	95,70%	82,40%	8,818 (2)*
	Média	3%	5,90%	
	Elevada	1,10%	11,80%	
Profissão da mãe	Baixa	3,20%	5,80%	2,421 (2) n.s.
	Média	88,40%	78,80%	
	Elevada	8,40%	15,40%	
Escolaridade da mãe	Baixa	88,30%	84,60%	0,529 (2)n.s
	Média	5,30%	5,80%	
	Elevada	6,40%	9,60%	

*p<0,05

Quadro 6 – Percentagem de raparigas por nível de actividade física de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe.

O estudo da distribuição dos níveis da actividade física, de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe, mostrou a existência de associações estatisticamente significativas apenas entre o nível de escolaridade do pai e a actividade física das raparigas. É interessante notar que em ambos os sexos, é possível verificar uma tendência para a maior frequência de jovens menos activos, entre aqueles cujos pais e mães têm níveis baixos e médios, tanto de escolaridade como de profissão.

O Quadro 7 apresenta as correlações entre o nível de actividade física e as variáveis relacionadas com a profissão e escolaridade da mãe e do pai. Verifica-se que apenas existe relações significativas entre a actividade física das raparigas e a escolaridade do pai. No entanto, os valores mostram uma relação fraca.

	Profissão do pai	Profissão da mãe	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe
Rapazes	0,182	0,231	0,26	0,111
Raparigas	0,079	0,058	0,227	0,054

Quadro 7 – Correlações de Spearman entre a actividade física e as variáveis da profissão e escolaridade do pai e da mãe

4.2. – Identificação do nível de Actividade Física dos jovens

Pretendia-se neste parâmetro identificar o nível de actividade física dos jovens e, por isso, foram colocadas cinco questões sobre os seus hábitos de actividade física.

A primeira questão perguntava se os alunos faziam actividades desportivas extra-escola e, como indica o gráfico 10, 53,9% dos inquiridos responderam que nunca participaram nesse tipo de actividades. 25,5% afirmaram que participavam uma vez por semana e 12,7% referiram que praticavam quase todos os dias. Com apenas 7,8%, aparecem aqueles que praticam menos de uma vez por semana.

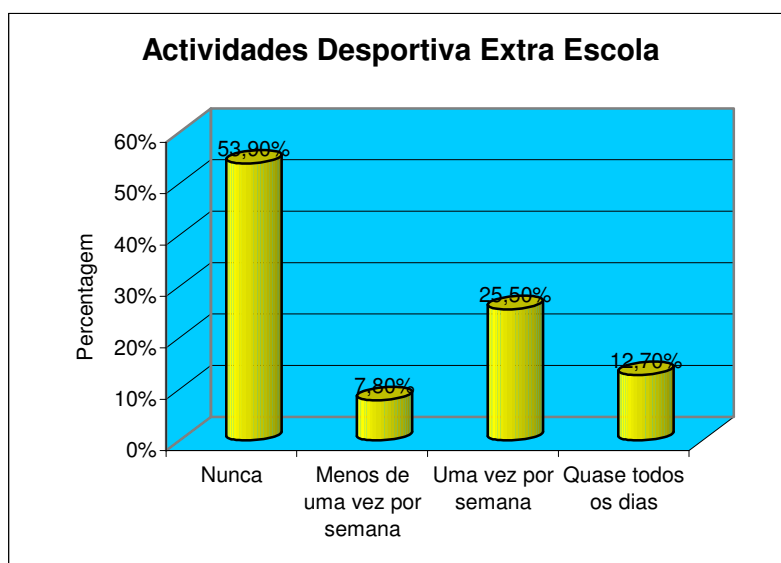
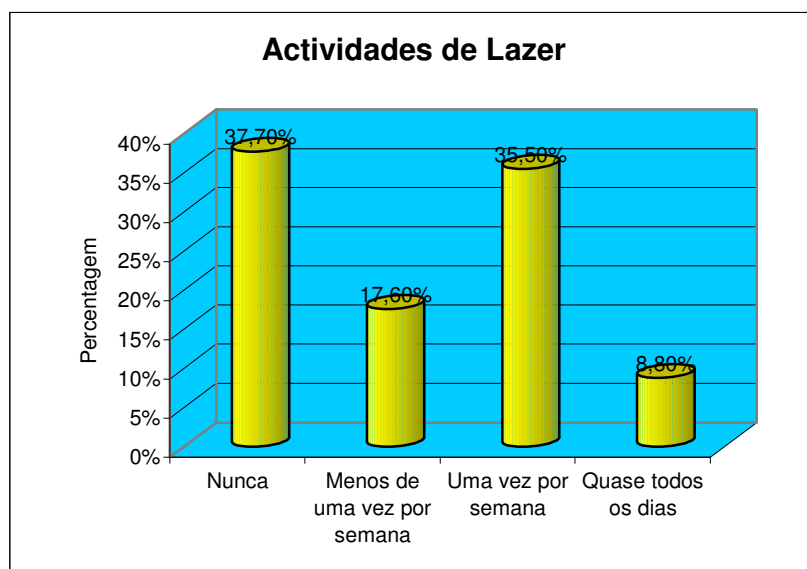


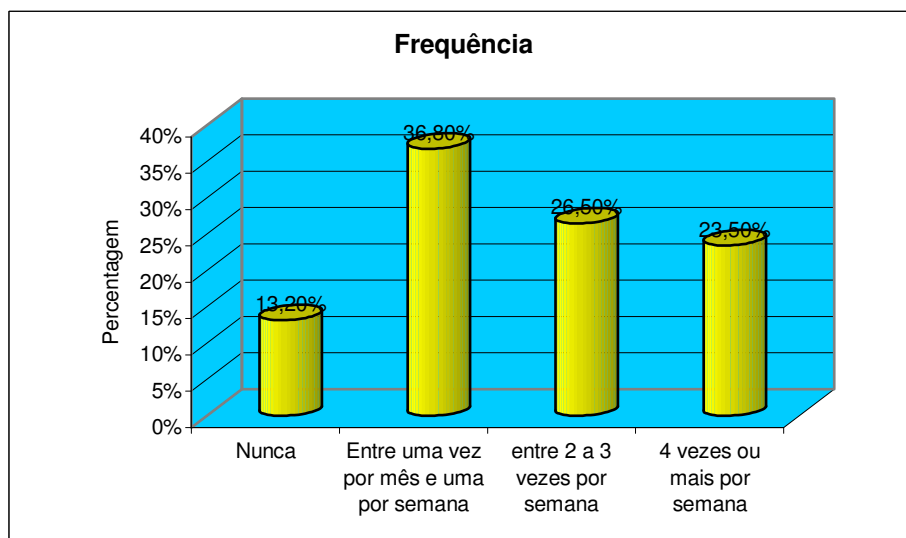
Gráfico 10 – Actividades Desportivas extra escola

De seguida foi perguntado aos jovens com que assiduidade participavam em actividades de lazer e os resultados foram os seguintes:

**Gráfico 11 – Actividades de lazer**

Como podemos constatar acima, 37,7% dos inquiridos responderam que nunca participaram nesse tipo actividades. Imediatamente a seguir, com 35,5%, surge aqueles que responderam que praticavam uma vez por semana. 17,6% praticavam menos de uma vez por semana e apenas 8,8% quase todos os dias.

Quando se perguntou com que frequência praticavam desporto durante, pelo menos vinte minutos, os alunos responderam o seguinte:

**Gráfico 12 – Frequência**

O gráfico 12 indica-nos que 36,8% da amostra respondeu que praticavam desporto entre uma vez por mês e uma por semana, 26,5% praticavam, entre duas a três vezes por semana, 23,5% quatro ou mais vezes por semana e, apenas 13,2% nunca praticavam desporto durante, pelo menos vinte minutos.

O gráfico seguinte espelha as respostas que a amostra forneceu quando lhe foi perguntado qual a intensidade que dedicava à prática de actividade desportiva.

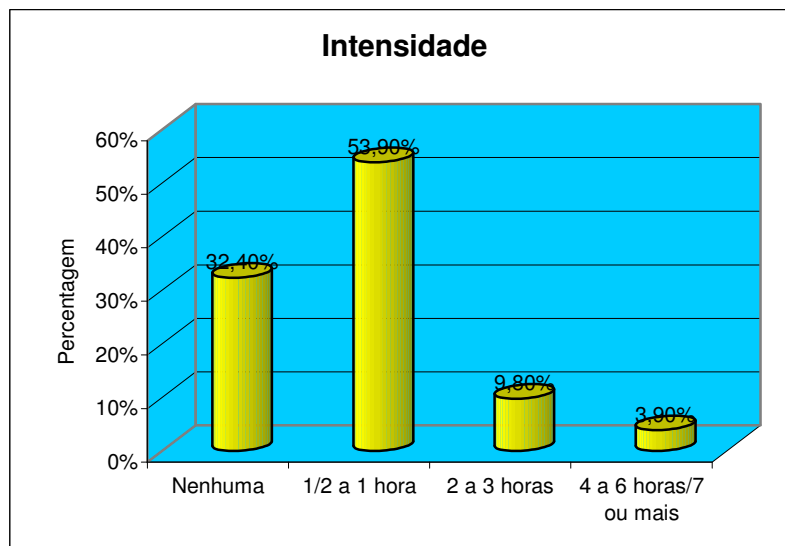
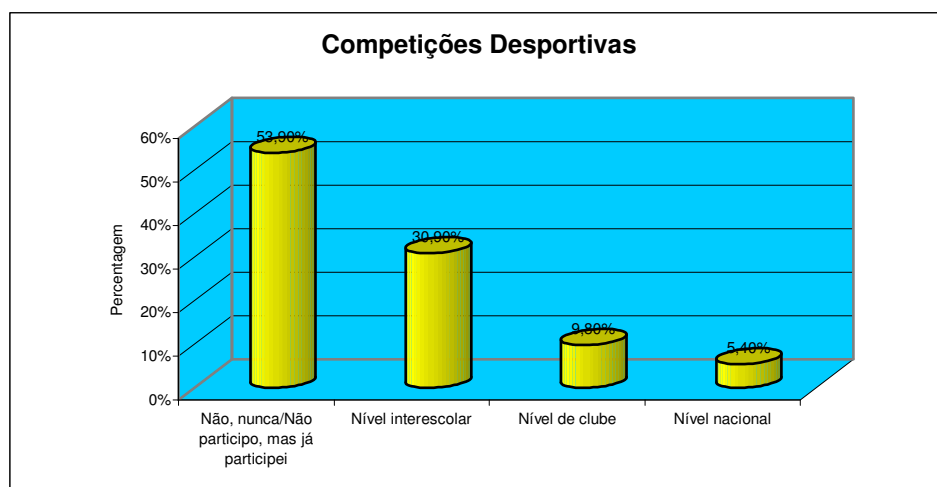


Gráfico 13 – Intensidade

O gráfico 13 revela-nos que 53,8% dos inquiridos responderam que despendiam hora e meia a uma hora para a prática de actividades desportivas, 32,4% não despendiam nenhuma hora e 9,8% e 3,9% despendiam duas a três horas e quatro ou mais horas, respectivamente.

A última questão desta parte perguntava se os elementos da amostra participavam em competições desportivas. Os resultados são os revelados no seguinte gráfico.

**Gráfico 14 – Competições Desportivas**

Como é bem perceptível no gráfico 14, a maioria dos inquiridos (53%) respondeu que não estava a participar em competições desportivas no momento ou que não participava, mas já tinha participado. 30% referiu que participava a nível escolar, 9,8% num clube e apenas 5,4 a nível nacional.

Com o objectivo de facilitar a leitura dos resultados, resolvemos agrupar os valores da actividade física em duas categorias de nível de actividade física para, posteriormente, compararmos os rapazes com as raparigas.

Como podemos constatar no Quadro 8, existe uma diferença bastante significativa entre os rapazes e as raparigas, no respeitante ao nível de actividade física. Nota-se que as raparigas são mais frequentemente classificadas como pouco activas. No entanto, consideramos estes resultados um pouco ambíguos, uma vez que podemos ser induzidos em erro. Como se pode verificar, o mesmo género (feminino) também apresenta valores que demonstram serem mais activos (embora a diferença percentual seja bastante inferior). Por isso, é importante ter em conta que a amostra é constituída por 73% de raparigas e 27% de rapazes. Consideramos que seja este o motivo para tal ambiguidade.

		Nível de Actividade física		
		Pouco Activos	Activos	X ² (g.l.)
Sexo	Masculino	15,70%	41,60%	17,183 (1)*
	Feminino	84,30%	58,40%	

*p<0,01

Quadro 8 – Nível de actividade física por sexo

4.3. – Identificação das actividades em que os jovens ocupam, normalmente, os seus tempos livres

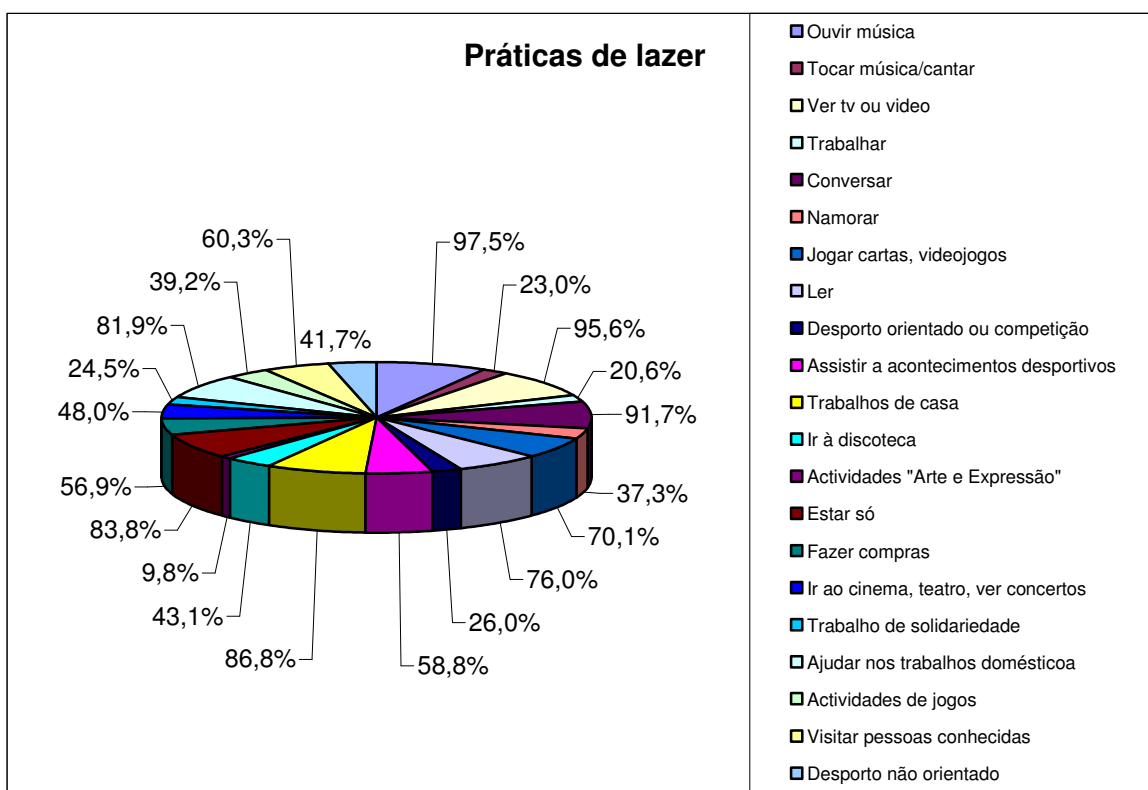


Gráfico 15 – Práticas de Lazer

Foi ainda colocado aos jovens a questão sobre quais as actividades preferidas para ocuparem os seus tempos livres. É muito significativo o número de respostas dos alunos que preferem ocupar o seu tempo livre a ouvir música e ver

televisão ou vídeo, com 97,5% e 95,6%, respectivamente, a responderem sim à questão. Seguidamente, é a conversar com os amigos (as) (91,7%) que os jovens preferem ocupar os seus tempos livres. Consideramos importante referir que 26% dos alunos praticam desporto de forma orientada nos seus tempos livres e que 41,7%, o praticam de forma não orientada.

Através do Quadro 9 procuramos mostrar a diferença entre rapazes e raparigas, no respeitante à principal forma de ocupação dos tempos livres que os elementos da amostra referiram. Conclui-se que não existem associações estatisticamente significativas. Não se observa uma diferença muito grande nas percentagens e consideramos importante referir que, apenas 1,3% das raparigas reponderam que não ouvem música como forma de ocupar os tempos livres.

		Ouvir música		
		Sim	Não	X ² (g.l.)
Sexo	Masculino	94,50%	5,50%	2,841 (1) n.s
	Feminino	98,70%	1,30%	

Quadro 9 – Principal actividade para ocupar os tempos livres de acordo com o sexo

Com os resultados do Quadro 10, podemos concluir que, em relação à actividade física orientada, são os rapazes que a praticam em maior número. No entanto, a maioria dos elementos da amostra refere que não participa neste tipo de actividades. No respeitante à actividade física não orientada e comparando com as raparigas, são também eles que mais a fazem. Neste parâmetro, observa-se nos rapazes, que são mais aqueles que praticam actividade física não orientada do que os que não o fazem. Em relação às raparigas o mesmo não se verifica.

		Natureza da actividade física			
		Orientada		Não orientada	
		Sim	Não	Sim	Não
Sexo	Masculino	36,40%	63,6	54,50%	45,50%
	Feminino	22,10%	77,9	36,90%	63,10%
χ^2 (g.l.)		4,222 (1)*		5,139 (1)*	

*p<0,05

Quadro 10 – Participação em desportos orientados e não orientados por treinador de acordo com o sexo

No respeitante às questões: “Quanto tempo costumas passar por dia a ver televisão?” (durante a semana e ao fim-de-semana) e “Quanto tempo costumas passar por dia a utilizar o computador?” (durante a semana e ao fim-de-semana), os resultados obtidos foram os seguintes:

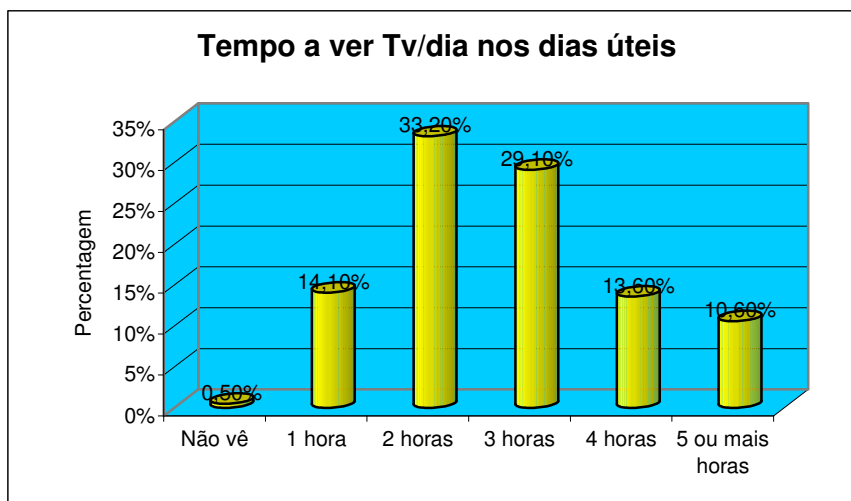


Gráfico 16 – Tempo a ver tv/dia nos dias úteis

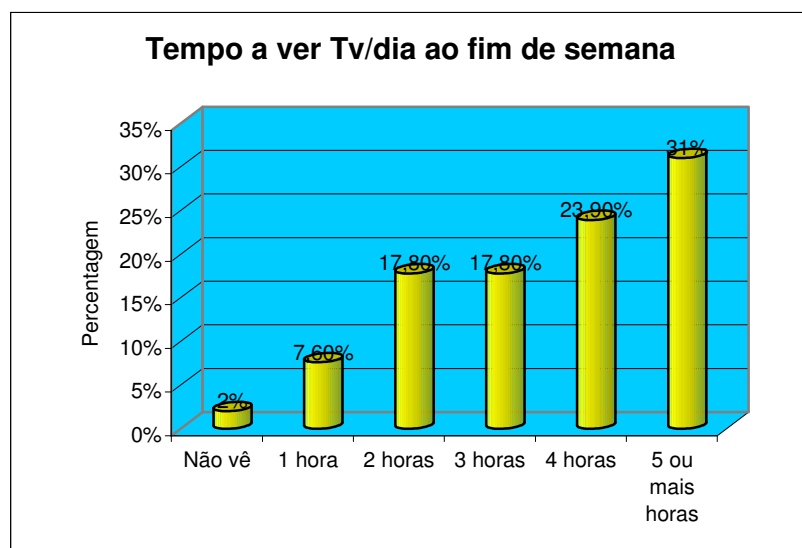


Gráfico 17 - Tempo a ver tv/dia ao fim-de-semana

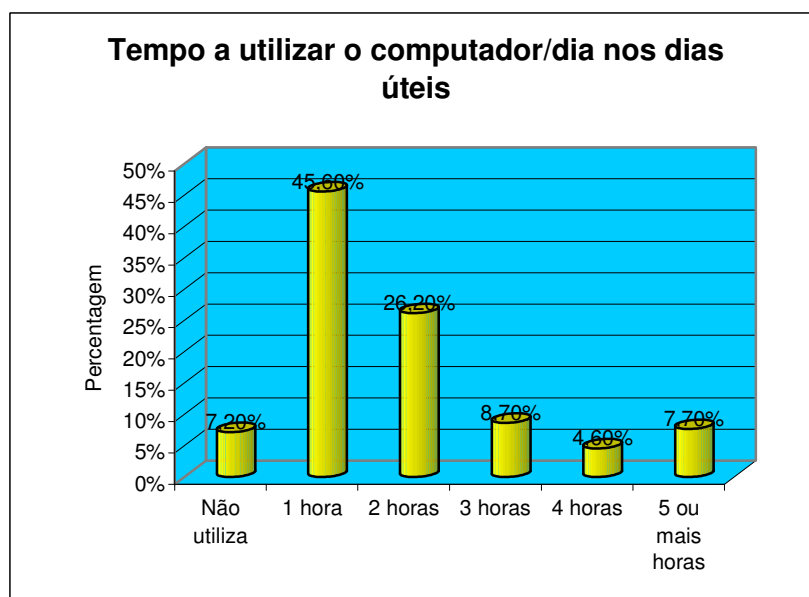


Gráfico 18 – Tempo a utilizar o computador/dia nos dias úteis

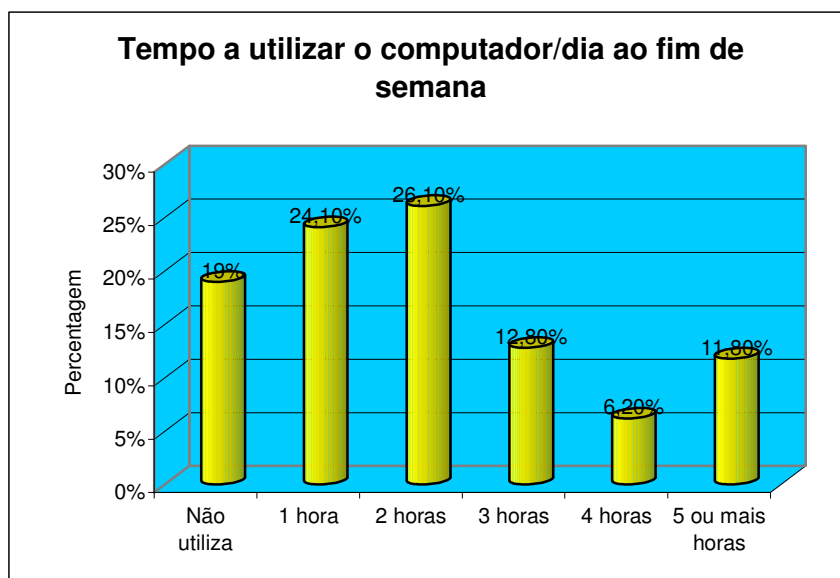


Gráfico 19 – Tempo a utilizar o computador/dia ao fim-de-semana

Cerca de 33,2% dos alunos afirma que passa duas horas por dia, nos dias úteis, a ver televisão. 29,1% ocupa três horas do seu tempo livre nesta actividade, 14,1%, uma hora e 12,6%, quatro horas. De referir ainda que, 10,6% vê televisão cinco horas ou mais por dia e que apenas 0,5% afirma não ver. (Gráfico 16). Em relação ao tempo que os mesmos alunos ocupam os seus tempos livres a ver televisão ao fim-de-semana (Gráfico 17), 31% refere que passa cinco horas ou mais a olhar para a caixinha mágica e 23,9%, quatro horas. Com igual percentagem (17,8%) surgem os que vêm televisão durante três e duas horas. 2% dos inquiridos dizem que não vêm televisão e 7,6% afirma ver apenas 1 hora por dia.

Relativamente ao tempo que os alunos utilizam o computador nos dias úteis (Gráfico 18), 45,6% afirma ocupar uma hora do seu tempo livre, 26,2% refere que ocupam duas horas e 8,7%, três horas. 7,7% afirma passar cinco ou mais horas em frente ao computador, 4,6%, quatro horas e 7,2%, nenhuma hora. Relativamente ao fim-de-semana, 26,1% dos inquiridos ocupam duas horas do seu tempo livre diante do computador, 24,1%, uma hora e 19% nenhuma. 12,8% ocupam três horas, 11,8%, cinco ou mais horas e apenas 6,2%, quatro horas.

5. – Discussão dos resultados

Depois de analisarmos a percentagem de rapazes por nível de actividade física de acordo com as variáveis da escolaridade e da profissão do pai e da mãe, constatamos que existe uma associação estatisticamente significativa apenas entre o nível de escolaridade do pai e a actividade física das raparigas, ou seja, o estatuto do pai influencia a prática de exercício por parte das raparigas. Podemos considerar que uma elevada posição sócio-económica dos pais pode significar mais acessos a programas de actividade física dentro e fora da escola. O transporte para locais de prática e a possibilidade de assistir a eventos desportivos também pode representar uma importante forma de apoio que os pais podem dar à participação dos filhos em actividades físicas.

Um outro aspecto importante é o facto de se notar que em ambos os sexos, é possível verificar uma tendência para a maior frequência de jovens menos activos, entre aqueles cujos pais e mães têm níveis baixos e médios, tanto de escolaridade como de profissão. Pensamos que isto também se deve aos motivos indicados anteriormente.

Estes resultados não coincidem com os de Malina e Bouchard (1991) onde os autores afirmam que, de uma maneira geral, nas idades escolares, as crianças de estatuto socio-económico mais baixo são frequentemente descritas como tendo maior liberdade de se movimentarem pela zona onde habitam, do que as provenientes de um nível mais elevado, conduzindo esta atmosfera a uma maior liberdade na actividade motora, e na oportunidade para a prática de actividade física.

Por outro lado Harrison *et al.* (1964), cit. por Shephard, (1982), cit. p/ Almeida, (1998) referem que a vantagem a nível físico das crianças provenientes dum elevado estatuto socio-económico é resultado de uma maturação mais precoce, mas que este estatuto socio-económico também confere uma permanente vantagem na idade adulta, no que diz respeito ao seu tamanho. As

crianças que provêm de classes mais desfavorecidas exibem um desenvolvimento esquelético relativo maior, em largura, com maior desenvolvimento muscular.

Em relação aos níveis de actividade física por sexo, nota-se que um grande número de raparigas é pouco activas. Parece que estes resultados vão de encontro à tendência verificada na nossa sociedade, onde os jovens são cada vez mais sedentários. Em relação aos rapazes, o cenário é um pouco diferente, pois os resultados mostram uma maior percentagem de rapazes no grupo dos Activos. Pensamos que o principal motivo para que isto aconteça, se deva ao facto de em Arouca existirem clubes, neste caso de futebol, exclusivamente para rapazes. Como as piscinas municipais são frequentadas preferencialmente por crianças e adultos, os elementos da nossa amostra usufruem pouco delas.

Os elementos da amostra referiram que a principal forma de ocuparem os tempos livres era a ouvir música. Então resolvemos mostrar a diferença entre rapazes e raparigas. Os dados recolhidos são peremptórios e não suscitam qualquer dúvida. Então, podemos constatar que as raparigas ouvem música mais vezes do que os rapazes como forma de ocupar os tempos livres.

No respeitante à participação em desportos orientados e não orientados por um treinador, de acordo com o sexo, parece-nos que o principal motivo que justifica a elevada percentagem das respostas “Não”, se deve à pobre dinamização dos espaços desportivos por parte da Câmara Municipal de Arouca. Tivemos a oportunidade de constatar na revisão da literatura que o município tem à disposição dos jovens (e não só) várias instalações desportivas, mas parece que a sua utilização não tem sido suficientemente alargada. Ainda assim, nota-se que a maioria dos rapazes participa em actividades físicas não orientadas por um treinador e isto pode dever-se aos inúmeros torneios de futebol (masculino), protagonizados pelas várias associações desportivas, culturais e recreativas de todo o Concelho de Arouca, durante todo ano.

Em Arouca só existem três formas de se praticar actividade física de forma orientada. Como atletas do Futebol Clube de Arouca, ou do Centro Juvenil Salesiano (instituição privada), ou a praticarem natação no Complexo Desportivo

de Arouca. Em relação aos dois primeiros, a única modalidade existente é o futebol e, ainda assim, exclusivamente masculino. A natação, embora seja mista, não engloba, preferencialmente, utentes enquadrados na faixa etária do nosso estudo. Portanto, pensamos que estes motivos justificam a elevada percentagem de rapazes e raparigas que não participam em actividades físicas orientadas e a diferença percentual entre rapazes e raparigas na prática do mesmo tipo de actividades.

6. – Conclusões

Os resultados deste estudo apontam para a existência de apenas uma associação entre a escolaridade do pai e o nível de actividade física das raparigas, embora fraca, revelando uma tendência das raparigas cujos pais têm níveis de escolaridade e de profissão mais elevado, para pertencer ao grupo dos activos.

Os resultados apontam para a existência de diferenças no nível de actividade física, de acordo com o sexo dos sujeitos, sendo os rapazes mais activos do que as raparigas.

Relativamente às actividades em que os jovens ocupam, normalmente os seus tempos livres, ambos os sexos referiram ser a ouvir música que mais gostam do o fazer. Em seguida afirmaram que ocupam preferencialmente os seus tempos livres a ver televisão e vídeo.

Relativamente à natureza da actividade física, os rapazes referem uma maior participação tanto em actividades orientadas como em não orientadas. A participação em actividades não orientadas por um treinador é mais frequente em ambos os sexos.

Parece-nos que a Câmara Municipal de Arouca não consegue dinamizar os espaços que possui, ficando a cargo das várias associações desportivas, recreativas e culturais do Concelho, o impulsionamento dos mesmos.

7. – Referências bibliográficas

- Almeida, C. (1998). Aptidão Física, Estatuto Sócio-Económico e Medidas Antropometrias da População Escolar do Concelho de Lamego, estudo em crianças e jovens de ambos os sexos dos 10 aos 16 anos de idade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Amado, L.(1994). Desporto, desenvolvimento e Práticas Sociais, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Desporto, XI, 64, pp. 130-135.
- André, F. (2001). Estudo Contributivo para a Racionalização dos Espaços Desportivos Polivalentes no concelho de Santo Tirso. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Araújo, J. (2002). O Tempo Livre e o Lazer na Região do Vale do Lima – Estudo sobre a oferta desportiva nas autarquias de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Atlas (1993). O Homem no Mundo, Ed. Verbo, Lisboa.
- Avanzini, G. (1978). O Tempo da Adolescência, Edições 70, Lisboa, pp. 123-130.
- Bento, J. (1991). Desporto, Saúde, Vida – Em defesa do Desporto, Livros Horizonte, Lisboa.

- Bento, J. (1995). O outro lado do Desporto, Campo das letras. Editores S.A., Porto.
- Branco, P. (1994). O Município e a Prática Desportiva de Crianças e Jovens, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Desporto, XI, 62, pp. 66-67.
- Câmara Municipal de Arouca (2005). Manual de Acolhimento, Ed. Câmara Municipal de Arouca.
- Câmara Municipal de Arouca (2005). Plano de Actividades, Ed. Câmara Municipal de Arouca, pp. 21-22.
- Carvalho, A.(1994). Desporto e Autarquias Locais, Campo do Desporto – 1, Campo das Letras, Porto.
- Cloes, M., Ledent, M., Didier, P., Dniz, J., Piéron, M. (1997). Pratique et Importance des principales Activités de Loisirs chez des Jeunes de 12 à 15 Ans Dans Cinq Pays Européens, ADEPS, v. 159/160, pp. 51-60.
- Constantino, J.(1993). O Cidadão e o Desporto – Novas Tendências no Desporto Actual, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Desporto, IX, 54, pp. 205-210.
- Constantino, J.(1994). A Educação Física, o Desporto e o Desenvolvimento Regional, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Deporto, XI, 65,pp. 163-168.
- Cunha, L.(1993). Análise da Situação Desportiva no Concelho de Vila Franca de Xira, in LUDENS, Vol. 13, Nº 2, pp. 27-37.

- Dumazedier, J. (1968). Hacia una Civilizacion del Ocio, 2ª Edição, Ed. Estela, Barcelona, España.
- Dumazedier, J. (1976). Lazer e Cultura Popular, S. Paulo. Editora Perspectiva.
- Dumazedier, J. (1979). Sociologia Empírica do Lazer, Ed. Perspectiva, S. Paulo, Brasil.
- Garcia, R. (2000). Contributo para uma Conceptualização do Tempo Livre ara Pessoas Portadoras de Deficiências. Actas do Seminário A Recreação e Lazer da População com Necessidades Especiais, FCDEF-UP, Porto, pp. 49-55.
- Holde, A. (1988). Psicologia do Jovem, Edição Paulinas, Bogotá, Colômbia.
- Howrdin, G. (1970). Uma civilização de Tempos Livres, Moraes Ed. Lisboa.
- Instituto Nacional de Estatística (1994). Classificação Nacional das Profissões.
- Malina, R.; Bouchard, C. (1991). Growth, Maturation and Phisical Activity. Human Kinetics Books, Champaign, Illinois.
- Marivoet, S. (1993). Hábitos Desportivos na Sociedade Portuguesa, in LUDENS, Vol. 13, Nº 3/4 , pp. 84-91.
- Meirim, J.(1994). Elementos para o Estudo da Política Desportiva Portuguesa, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Desporto, XI, 64, pp. 123-129.
- Mota, J. (1997). A Actividade Física no lazer: Reflexões sobre a sua prática, Livros Horizonte, Lisboa.

- Mota, J., Silva, G. (1999). Adolescent's Physical Activity: Association with Sócio-Economic Status and Parental Participation among a Portuguese sample: Sport, Education and Society, v. 4(2), pp193-199.
- Pereira, B. ; Neto, C. (1994). O Tempo Livre na Infância e as Práticas Lúdicas Realizadas e Preferidas, in LUDENS, Vol. 14, Nº 1, pp. 35-41
- Santos, M. (2004). Factores de Influência da Actividade Física em Adolescentes. Estudo da Influência da Posição Sócio-Económica, Comportamentos Sedentários e Características do Ambiente. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, pp.31-32.
- Tojeira, P. (1992). Tempo Livre e Desporto, in HORIZONTE, Revista de Educação Física e Desporto, VIII, 49, pp. 23-49.
- Veiga, A.(1997). Educar, Condicionismos Sócio-Económicos e Culturais de Arouca, Ed. Câmara Municipal de Arouca.

Internet:

<http://www.arouca.biz/>

<http://www.cm-arouca.pt/>

www.idesporto.pt

www.ine.pt/prodserv/nomenclaturas/cnp1994.asp

8. – Anexos